

A FRAGILIDADE DOS RELACIONAMENTOS HUMANOS EM MARGARET ATWOOD E LYA LUFT

Suênio Stevenson Tomaz da Silva¹

RESUMO:

*Segundo Bauman (2004), a fragilidade dos vínculos humanos é a principal característica da "fluida" sociedade moderna em que vivemos. O sentimento de insegurança em apertar os laços e, ao mesmo tempo, mantê-los frouxos é muito bem representado no mundo da literatura, através de personagens com dramas e problemas tão semelhantes ao cotidiano do mundo real, principalmente no que concerne ao relacionamento humano, muitas vezes cheio de conflitos e contradições. Assim sendo, o objetivo deste trabalho consiste em analisar, dentro da perspectiva comparativa, os dramas vividos pelas protagonistas de *Surfacing* (1972) e *As parceiras* (1980), de Margaret Atwood e Lya Luft, respectivamente. O fracasso das relações interpessoais de tais personagens tem como principal motivador, a fragmentação de seus ambientes familiares.*

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas modernas. Diálogo. Relacionamentos humanos.

Introdução

Diante do tema "Diálogo de Gerações nas Narrativas Modernas", promovido pelo Colóquio Cidadania Cultural 2009, este trabalho apresenta um estudo comparativo entre dois romances de escritoras da literatura contemporânea: **Surfacing** (1972) da canadense Margaret Atwood e **As parceiras** (1980) da brasileira Lya Luft.

A possibilidade de estabelecer uma análise comparativa entre essas obras não se restringe apenas às semelhanças existentes entre elas, mas também às suas diferenças.

A narrativa **Surfacing** é estruturada a partir do ponto de vista de uma jovem mulher (sem nome) que viaja com seu namorado Joe e mais um casal de amigos, Anna e David, que os conhece apenas há dois meses. Esses três acompanhantes da

¹ Professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

narradora desconhecem os verdadeiros motivos dessa viagem, cujo destino é uma ilha distante em Quebec, onde fica um chalé próximo a um lago no qual a narradora passou grande parte de sua infância com a família. Neste lugar, ela tem esperanças de encontrar seu pai desaparecido misteriosamente. A narradora-protagonista embarca em uma “viagem psicológica” buscando compreender a si própria.

Em **As parceiras**, a narradora-protagonista Anelise pega o carro e segue em viagem para uma cidadezinha de veraneio, onde ela possui um Chalé (sempre escrito com inicial maiúscula) que era de sua família. Apenas na companhia de seu cão de estimação, cujo nome é Bernardo, Anelise isola-se na tentativa de entender o motivo de tanto sofrimento de que padece, mas que também é recorrente em todas as mulheres da família Sassen.

O primeiro ponto em comum aos dois romances reside no fato de as protagonistas realizarem uma viagem. O deslocamento de lugar é um aspecto presente nas obras. Também vale destacar o quanto essas obras se assemelham no que se refere à história de suas personagens, apesar de se situarem em contextos de culturas diferentes. O terceiro aspecto em comum aos romances diz respeito ao uso da narrativa em primeira pessoa. Ambos possuem uma protagonista feminina que são as próprias narradoras de suas histórias. Elas escolhem o isolamento, partindo para ambientes reclusos, onde o contato social seja o mínimo possível. Assim, elas podem meditar, refletir, na tentativa de compreender as próprias vidas. A auto-reclusão dessas personagens toma espaço em lugares que elas passaram momentos da infância, onde se formaram enquanto sujeito, e que nesse momento de crise de identidade, torna-se essencial revisitá-los.

1. As narradoras-protagonistas

O enredo de uma narrativa está diretamente associado ao percurso das personagens da história. Assim, “quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida em que vivem, nos problemas em que se enredam” (CANDIDO, 2002, p. 53).

Em toda história, no cenário da ficção literária, há sempre uma voz que narra fatos e experiências das personagens. Uma tendência bastante recorrente nos romances modernos e dar voz às personagens para que estas possam contar suas próprias histórias, caracterizando assim a narrativa em primeira pessoa. Esse tipo de

narrativa corresponde à “visão com” abordada por Santos e Oliveira (2001), em que o enredo se desenrola com a presença de um narrador-personagem.

Os escritores de romances em primeira pessoa utilizam o recurso do monólogo interior para criar um universo ficcional que expresse de forma contundente a realidade psicológica do indivíduo. Tal recurso vem sendo influenciado desde o desenvolvimento dos estudos da Psicologia e Psicanálise a partir da segunda metade do século XIX, quando muitos romancistas exploravam os processos psíquicos da mente humana em suas personagens.

O monólogo interior, ou representação do fluxo de consciência, “exprime sempre o discurso mental, não pronunciado, das personagens” (REIS & LOPES, 1998, p. 266). Tal discurso, marcado pela linguagem truncada e desordenada, consiste em uma técnica narrativa que surge já no século XIX, e que é bastante comum entre os escritores da literatura moderna e contemporânea. Os textos de James Joyce, Virginia Woolf e Clarice Lispector, por exemplo, são paradigmas de narrativas que apresentam a técnica de fluxo de consciência. Margaret Atwood e Lya Luft também fazem parte desse grupo de escritores cuja literatura caracteriza-se como amplamente psicológica.

Surfacing e **As parceiras** fazem parte das narrativas contemporâneas de autoria feminina que são estruturadas, a partir dos fluxos de consciência de suas narradoras-protagonistas. As observações desse tipo de narrador “misturam-se a pensamentos e lembranças de um modo fragmentado” (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p. 63). Essa fragmentação da narrativa deve-se ao fato de o enredo desenrolar-se no “espaço psicológico”, ou seja, na mente das personagens que traz consigo todas as características e conflitos da mente humana.

Para Kokotailo (1980), **Surfacing** encontra-se na linha divisória de dois movimentos literários: modernismo e pós-modernismo. Mesmo afirmando, que o romance não pode ser caracterizado em apenas um desses movimentos, o crítico observa que as características consideradas formais da literatura pós-moderna são evidentes desde o início da narrativa. Dentre essas características, ele menciona as seguintes: inconsistência, incoerência, fragmentação, aleatoriedade, não-linearidade, imprevisibilidade, variação e, o que é mais importante, a participação fenomenológica da narradora pelo percurso dos eventos.

Todas essas características da literatura contemporânea também são recorrentes em *As parceiras*, cujo enredo só é possível através de solilóquios não falados da protagonista Anelise, quando esta analisa a própria vida e a história de sua

família. Percebemos que o nome dessa personagem justifica a sua função para o desenvolvimento da narrativa.

A protagonista inominada de **Surfacing** e Anelise de **As parceiras** revisam, em uma situação retrospectiva, a totalidade de suas vidas desde os primeiros anos até o tempo presente de quando partem em uma “viagem” psicológica e solitária misturando presente e passado.

“I can’t believe I’m on this road again” (p. 7). Essa é a primeira frase que dá início à narrativa de Atwood na qual uma jovem mulher com quase trinta anos de idade narra sua própria história. Por essa estrada, ela retorna ao chalé da família próximo a um lago em uma ilha bem distante no norte de Quebec. Neste lugar, ela passou grande parte da infância e agora retorna com o objetivo de procurar por seu pai desaparecido. Na verdade, ela está em busca de algo mais: reconstituir sua identidade que foi fragmentada durante o percurso da sua vida desde a infância até a fase adulta.

Ela viaja na companhia de três pessoas: seu atual namorado Joe e um casal de amigos, David e Anna, cujo carro serve de transporte para eles. Apesar da presença deles, a narradora embarca em uma viagem solitária, carregando consigo as lembranças e momentos de sua infância que viveu com os pais. No percurso da narrativa, fatos acontecidos no passado vêm à tona, a ponto de o leitor não conseguir distingui-lo do presente. A narradora está em contato direto com todos os eventos a sua volta. À medida que vê e observa as pessoas e a paisagem, sua memória é ativada recordando fatos que são associados ao tempo presente. Assim, as lembranças surgem a partir de diferentes ambientes e diferentes períodos de tempo, o que reforça a descontinuidade da narrativa.

Em **As parceiras**, Anelise, a narradora-protagonista, conta a história das mulheres da família Sassen, de ascendência alemã e marcada pela tragédia. Vivendo uma intensa crise existencial, Anelise resolve isolar-se no “Chalé” da família na tentativa de buscar explicações para tanto sofrimento familiar e pessoal como, por exemplo, a perda dos pais em um acidente trágico, seu casamento fracassado e a maternidade frustrada com sucessivos abortos. À medida que narra, Anelise evidencia, em forma de um monólogo interior, seus medos e traumas, que a perseguem desde a infância.

Como a própria Anelise diz, “Vim ao Chalé resolver minha vida, se é que ainda há o que resolver” (p.15). Vale salientar que esse Chalé sempre escrito com inicial maiúscula é uma construção grande e antiga localizada próximo ao mar, sendo

sempre referido pelos moradores da cidadezinha de veraneio como a “casa dos fantasmas”, um lugar que propicia muita imaginação. Em cima do morro próximo ao Chalé, há também um cemitério antigo e abandonado onde Anelise e sua “eterna” amiga de infância, Adélia, costumavam brincar.

É nesse ambiente que Anelise se isola por um período de sete dias (de domingo a sábado) na companhia de seu cão de estimação, Bernardo, e a caseira Nazaré com seu filho, Zico. E, num entrelaçamento temporal entre passado e presente ela mergulha através das lembranças e memórias para compreender a sua própria história de vida: “Tenho bastante tempo para repassar o filme mais uma vez” (p. 17). Esse “filme” simboliza a reconstituição dos momentos mais difíceis e marcantes da infância à maturidade da protagonista. A narrativa em primeira e a forma como o livro está dividido, sendo cada capítulo intitulado por um dia da semana, nos remete a um tipo de diário, à semelhança do formato dos romances memorialistas, bastante comum na literatura de autoria feminina.

Diante do exposto, observamos que as semelhanças existentes entre as duas obras não se restringem ao fato de as protagonistas se dirigirem a lugares isolados onde se é possível o contato direto com a natureza (ilha, lago, mar). Contudo, é importante frisar que o destino de fuga dessas personagens, além de serem lugares distantes da civilização, são ambientes onde elas viveram na fase da infância ou costumavam passar as férias com a família e os amigos.

Esses lugares (chalés de ambas as famílias), onde essas mulheres se formaram enquanto sujeitos, são ideais nessa fase da vida de ambas, em que se encontram atravessando um processo de reflexão e transformação. A reconstituição de uma identidade que foi fragmentada diante de situações traumáticas só é possível com o retorno ao mundo da infância e das origens.

2. A família desestruturada

Segundo Xavier (1998, p. 13), “Basta a leitura de vários textos de autoria feminina para se perceber a recorrência do tema da família. No mundo moderno, onde o individualismo predomina, o fracasso dessa instituição é um fato recorrente, pois os laços familiares não existem. Assim, as pessoas desses oriundas desses ambientes vivem muitas vezes em conflito com elas mesmas e com o outro.

Em **Surfacing**, o fato de narradora-protagonista não possuir um nome reforça a inexistência de uma identidade fixa e acabada. Esse recurso utilizado por Atwood

atinge também o núcleo familiar da personagem. O pai, a mãe e o irmão são mencionados ao longo da história sem a referência de um nome, o que demonstra que todo conflito interior da protagonista também tem origem na sua família fragmentada, o que é semelhante em **As parceiras**. A leitura do romance de Atwood é bastante complexa por causa da não-linearidade e ambiguidade presente na narrativa. Não há informações claras a respeito do destino do irmão, sobre o pai há evidências de seu misterioso desaparecimento, e sobre a mãe o texto mostra que essa faleceu recentemente.

Em **As parceiras**, o desabafo de Anelise ilustra claramente um modelo de família desestruturada: “Não éramos uma família de verdade” (p. 26). No Chalé, solitária a maior parte do tempo, Anelise busca entender o fracasso de sua família.

No domingo, primeiro dia da jornada ao passado, a protagonista começa a contar sua história a partir do evento do casamento de sua avó Catarina, uma menina linda que completara catorze anos e que fora obrigada a casar-se com um homem rude e bem mais velho. Como consequência de seu casamento precoce, a jovem Catarina tornou-se uma mulher triste e esquisita. “Lembro de minha avó: roupas brancas, alfazema, solidão. E medo” (p. 13). Essa foi a impressão que Anelise teve no único contato com a avó. A descrição de Catarina lembra muito um fantasma e essa imagem sinestésica persegue Anelise desde a infância.

Com o casamento arranjado, Catarina teve alguns abortos e, nos intervalos três filhas: Beatriz (Beata), Dora e Norma, a mãe de Anelise. Mais de vinte anos depois, veio uma quarta filha, Sibila (Bila), uma anã totalmente diferente da mãe e das irmãs e que foi concebida e nascida no sótão. A descrição de Sibila reforça ainda mais o grotesco presente na família de Anelise: “Feia, cabeça pequena, olhinhos suínos, cabelo ralo e preto. Nunca lhe nasceriam dentes. Essa tia anã era o fruto mais caprichado da árvore temida, a árvore familiar de que também fazia parte” (pp. 52-3).

Uma avó louca, uma tia anã. Essa é a história das raízes de Anelise. Uma família de mulheres tristes e sofridas, “um bando de mulheres malsinadas” (p. 30). A feiura, a tristeza, o sofrimento e a loucura são aspectos que estão presentes nas mulheres da família Sassen.

O núcleo familiar da protagonista também encontra-se fragmentado. Depois de uma infância solitária, embora tivesse seus pais e irmã, Anelise lembra da falta que sentia da mãe que lembrava muito sua avó Catarina: “Caminho nesta solidão prateada e penso em minha mãe que conheci tão pouco [...] pouco infantil, desinteressada pelas coisas práticas, aparentemente incapaz de assumir uma família sua” (p. 25).

Anelise lembra que quando criança fingia estar doente para conseguir a atenção paterna, já que a da mãe não era possível. Nem a irmã mais velha (Vânia), que, aliás, a tratava com desprezo, era capaz de suprir essa falta.

Segundo a narradora, o ambiente em que essa família vivia propiciava a distância e a falta de afeto entre seus membros: "A atmosfera distante em nossa casa contribuía para esse afastamento: éramos todos hóspedes corteses no mesmo hotel de cortinas de renda e jardim bem cuidado" (p. 39). A beleza externa da casa dessa família servia como uma máscara para tanto sofrimento e solidão. Anelise era a que mais sentia o impacto da infelicidade. Ela "Inventava uma vida de mentira para [os] pais verem. [...] um universo de fantasia: criava personagens, companhias, gostava particularmente dos anõezinhos engraçados e espertos [...]" (p. 23). Anelise na fase da infância, fazia uso da imaginação para amenizar sua solidão.

3. A fragilidade dos relacionamentos humanos

Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman (2004), a fragilidade dos vínculos humanos é a principal característica da "fluida sociedade moderna", em que vivemos. O sentimento de insegurança em apertar os laços e, ao mesmo tempo, mantê-los frouxos é muito bem representado no mundo da literatura, através de personagens com dramas e problemas tão semelhantes ao cotidiano do mundo real, principalmente no que concerne ao relacionamento humano, muitas vezes cheio de conflitos e contradições.

De acordo com Freud (1980), uma das três razões pelas quais não é possível a concretização da felicidade humana consiste na configuração de transtornos no seio das relações interpessoais, tanto dentro quanto fora do contexto familiar. Assim, as protagonistas de **Surfacing** e **As parceiras**, possuidoras de famílias sem harmonia, extrapolam essa dificuldade de relacionar-se com outras pessoas.

Em **Surfacing**, a protagonista mostra-se uma mulher com muitas dificuldades em fortalecer um elo mais forte com as pessoas. Não possui muitos amigos, apenas uma amizade de dois meses com Anna e David e o relacionamento bastante superficial com o namorado Joe. Essa atitude pode ser explicada pelo sofrimento que teve no último relacionamento com um homem casado.

Um fato que também pode explicar essa dificuldade de relacionamento da protagonista do romance tem origem na infância. Influência principalmente do pai, um botânico, que sempre tentou criar os filhos longe do contato humano. A narradora confessa ter sido uma criança muito solitária. Ela comenta que eles poderiam viver na

cidade, mas o pai preferiu viver com a família em dois ambientes de anonimato: "In the city we lived in a succession of apartments and in the bush he picked the most remote leke he could find [...]" (p. 59). Assim, na cidade, essa família não teria muito contato com outras pessoas por não possuir uma residência fixa. Além disso, o chalé da família ficava a quinze quilômetros do vilarejo mais próximo. Viver isolado, longe do contato humano, estava nos planos do pai da narradora após a sua aposentadoria. Isto porque: "He didn't dislike people, he merely found them irrational; animals, he said, were more consistent, their behaviour at least was predictable" (p. 58).

Em **As parceiras**, com a morte dos pais em um trágico acidente, Anelise e Vânia vão morar com as tias Beatriz e Sibila no casarão. Beata tentava impor limites às sobrinhas adolescentes, o que era motivo de conflitos entre elas. Logo Vânia se casa e Anelise fica apenas com a companhia das tias. Com Bila ela não contava, tinha repulsa e medo dela. Durante muito tempo, Anelise sofria com a possibilidade de não crescer e ficar igual à tia anã. Restava apenas Beatriz, uma companhia nada amigável. A solidão de Anelise "e a de tia Bea somavam-se num vazio intolerável" (p. 57). Novamente, o ambiente em que a protagonista se encontra favorece a sua solidão.

Anelise, com seus dezoito anos de idade e todo o desejo de liberdade da juventude, sente a situação insuportável da convivência com Beatriz. A tia quer sempre controlar a sobrinha, mas não consegue, aumentando a distância entre elas.

Mesmo casando-se com Tiago, a felicidade de Anelise dura até o sonho da maternidade ser interrompido pelos sucessivos abortos. Ela afasta o marido cada vez mais, isolando-se no seu mundo particular de sofrimento. Mesmo sendo bastante compreensivo, Tiago não consegue salvar o casamento. A frustração por não ser mãe provoca em Anelise um grande pessimismo diante da vida.

Como vimos neste subitem, a fragilidade dos relacionamentos humanos é algo recorrente nas duas obras que dentro do "cenário líquido da vida moderna, [...] talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência" (BAUMAN, 2004, p. 8). Assim, as protagonistas de ambos os romances simbolizam as contradições geradas a partir dos conflitos nas relações familiares e pessoais.

Considerações finais

Como diz Bauman (2004), o fracasso do relacionamento humano está diretamente ligado ao fracasso na comunicação. Portanto, diante dos problemas encontrados na vida, as protagonistas dos romances analisados escolhem o auto-exílio em vez de estabelecer elos de comunicação com as pessoas do seu ambiente familiar e de amizades.

É seguro dizer que as protagonistas de **Surfacing** e **As parceiras** são sujeitos femininos que se encontram claramente em processos de mudança. Por causa de traumas vividos ao longo de suas vidas, essas mulheres em conflitos existenciais, isolam-se em lugares que passaram a infância, longe da civilização, no intuito de fazerem um retrospecto de suas experiências traumáticas, dando início a ritos de passagem pelos quais elas poderão sair com outras perspectivas em relação à vida.

Apesar das semelhanças, os desfechos das narrativas se apresentam de modos diferentes. Os romances analisados, detentores que são de todas as características contraditórias da literatura pós-moderna, deixam o final de suas histórias em aberto.

O fim do enredo de **Surfacing** constitui, paradoxalmente um recomeço. A protagonista, que um dia se fechou para o mundo por não saber lidar com os traumas, no encontro harmônico com a natureza, descobriu-se uma nova pessoa capaz de agora viver por inteiro, sem superficialidade das emoções. A possibilidade de estar grávida representa para a protagonista uma esperança de mudar suas atitudes até então. O nascimento desse filho simboliza o renascimento da própria protagonista como mulher que emerge para o mundo civilizado recusando-se a ser uma vítima da sociedade patriarcal.

Contrariamente a **Surfacing**, o pessimismo que permeia toda a narrativa de **As parceiras** permanece até o seu final. Diferente da heroína do romance de Atwood, Anelise, assumindo um papel de vítima não consegue (ou não prefere) encontrar uma saída para tanto infortúnio. O fim da história também é ambíguo, sendo sugerido um possível suicídio. No último dia da semana de seu isolamento, coincidentemente, temos um encerramento de um ciclo.

Concluindo, um estudo dessa natureza ressalta a importância de se estabelecer diálogos entre culturas distintas, mas que possui eventos que interagem no seio das relações pessoais e sociais. Estudar a literatura, em especial as narrativas modernas, é um meio instigante para se compreender um pouco do seu humano e suas contradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWOOD, Margaret. **Surfacing**. Toronto: McClelland & Stewart New Canadian Library, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CANDIDO, Antonio. **A Personagem do Romance**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

KOKOTAILO, Philip. **Form in Atwood's Surfacing**: toward a synthesis of critical opinion. *Studies in Canadian Literature*.v.5.2, 1980.

LUFT, Lya. **As parceiras**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos).

SANTOS, Luís Alberto Brandão & OLIVEIRA, Silvana Pessoa. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais**: Introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.